

MUNIÇÕES DE FRAGMENTAÇÃO NÃO VÃO GANHAR A GUERRA NA UCRÂNIA

Por Daniel L. Davis*



Sistema de foguetes MLRS (Creative Commons).

Embora poderosas, as munições cluster por si só não vão alterar o equilíbrio de poder na guerra da Ucrânia. Quem afirma é o tenente-coronel Daniel Davis, que as empregou na operação Tempestade no Deserto.

O governo Biden decidiu autorizar o lançamento de munições cluster para a Ucrânia em sua guerra em curso contra a Rússia. Os defensores desse movimento afirmam que essa classe de bombas é altamente eficaz e pode mudar o jogo na guerra de Kiev. Posso confirmar por experiência própria que as munições cluster são de fato bastante poderosas, mas também que por si só não irão inclinar o equilíbrio de poder na guerra contra a Ucrânia.

É importante entender o que essa munição pode e não pode fazer.

DISPAREI MUNIÇÕES DE FRAGMENTAÇÃO EM COMBATE

Meu primeiro emprego no Exército dos EUA em meados da década de 1980 foi como tripulante do Sistema de Lançamento Múltiplo de Foguetes (MLRS, *Multiple Launch Rocket System*). Um lançador MLRS carrega 12 foguetes a qualquer momento, e algumas das ogivas – como a variante de munições cluster M77 – carregam 644 submunições, ou *bomblets*. Essas pequenas bombas do tamanho de uma mão caíam sobre o alvo e se espalhavam por uma distância considerável,

inundando tudo na área com explosões poderosas. A bomba de fragmentação mais comum é a munição convencional melhorada de duplo propósito (DPICM, *Dual-Purpose Improved Conventional Munition*) para os obuses de 155 mm.

Um cartucho DPICM de 155 mm, como seu primo MLRS, voará sobre o alvo e liberará 88 bombas. Algumas dessas munições serão fundidas para detonar acima do solo, enviando fragmentos letais de aço chovendo sobre tropas ou veículos de baixa blindagem. O restante das bombas são pequenas cargas de formato de detonação pontual que explodirão com o impacto, enviando aço derretido para a blindagem fina e vulnerável de tanques e veículos blindados de transporte de pessoal. Como observei em primeira mão em 1991, os efeitos durante o combate podem ser devastadores.

Em 1991, eu era oficial de apoio de fogo de uma tropa de cavalaria na operação Tempestade no Deserto. Meu trabalho era coordenar o fogo de artilharia, morteiros e foguetes no plano de manobra do comandante de tanques assim que tivéssemos contato com as forças blindadas iraquianas no norte do Kuwait. Na noite de 26 de fevereiro, minha unidade (Eagle Troop do 2º Regimento de Cavalaria Blindada) lutou na maior batalha de tanques americana desde a Segunda Guerra Mundial, a Batalha de 73 Easting. Tarde da noite, o comandante das Forças dos EUA ordenou que nossa unidade resistisse para que duas divisões blindadas americanas pudessem passar por nossas linhas para continuar a lutar.

Havia um centro de logística inimigo, no entanto, que estava além do alcance de nossos tanques à frente, e nosso oficial de inteligência acreditava que havia outro batalhão de tanques esperando para emboscar qualquer unidade dos EUA que tentasse avançar. Para suprimir o inimigo, coordenei com nosso comandante de manobra para lançar um grande ataque de artilharia de longo alcance e fogo de foguetes MLRS na posição inimiga usando foguetes DPICM e M77. Projéteis comuns de artilharia de 155 mm, projéteis altamente explosivos (HE) detonadores de ponto, deviam cair quase bem em cima de um tanque inimigo para derrubá-lo. O DPICM, como observei, é muito mais letal.

Mesmo a muitos quilômetros de distância da zona de impacto, pude ver e sentir os projéteis conforme eles atingiram o local do alvo (para entender o que DPICM e bombas de fragmentação fazem no impacto, veja [este vídeo de demonstração](#): é exatamente assim). Mais tarde, descobrimos que a maioria dos veículos e pessoal inimigo foram destruídos neste ataque maciço. Este exemplo mostra tanto as capacidades quanto as limitações do que as munições *cluster* podem produzir.

Conseguimos disparar em massa com um batalhão de artilharia inteiro e uma bateria MLRS no alvo. Tínhamos um Regimento de Cavalaria Blindada inteiro no ataque, espalhado por mais de 10 km de diâmetro, composto por tanques Abrams, veículos de combate Bradley, helicópteros de reconhecimento e ataque, disponibilidade de jatos de ataque A-10 acima de nós e duas divisões blindadas dos EUA atrás de nós (para não mencionar a capacidade de inteligência do quartel-general do Quinto Corpo dos EUA). Havíamos sido treinados, como unidade, por mais de um ano antes daquela grande batalha. Também estávamos lutando no deserto aberto, onde não havia possibilidade de nos esconder atrás de qualquer cobertura.

Além disso, tínhamos uma equipe completa de soldados e tripulantes que haviam treinado por mais de um ano em seus veículos de combate, tripulações altamente proficientes individualmente em tanques e veículos de combate de infantaria e, em seguida, treinamento adicional em pelotão, companhia, batalhão e, finalmente, níveis regimentais (brigada). Ainda mais crítico: nossos líderes em cada nível – pelotão a brigada – tinham experiência compatível com suas posições – um a dois anos para líderes de pelotão, cinco anos para comandante de companhia, 12 a 15 anos para comandante de batalhão e 22 anos para o comandante regimental.

A Ucrânia não tem nenhum desses componentes.

Por exemplo, uma das brigadas de elite ucranianas, a 47ª Brigada Mecanizada, era comandada por um oficial – o coronel Oleksandr Sak, de 28 anos – com quase tanta experiência quanto um tenente experiente em uma brigada de tanques americana. Praticamente todas as brigadas ofensivas ucranianas foram formadas e treinadas em meros meses, com treinamento elementar dos países da OTAN, com uma miscelânea de equipamentos modernos ocidentais e antigos soviéticos, com tempo grosseiramente insuficiente para formar unidades coesas, muito menos formações de armas combinadas coordenadas e equipadas.

Adicionar munições *cluster*, independentemente de quão mais letais elas sejam do que as munições padrão de 15 mm HE, não fará diferença no resultado da ofensiva atual. Os cartuchos de *cluster* aumentarão a letalidade dos artilheiros ucranianos contra os inimigos russos, mas sozinhos não podem mudar o curso da guerra. O mesmo, infelizmente, acontecerá com os F-16 e mísseis de longo alcance que podem ser fornecidos ainda este ano.

Publicado no [1945](#).

**Daniel L. Davis é tenente-coronel aposentado do Exército dos EUA, tendo sido enviado a zonas de combate quatro vezes. É autor de "The Eleventh Hour in 2020 America".*
